

PADRE RAIMUNDO NONATO PINHEIRO

(da Academia Amazonense de Letras)

PANORAMA INTELECTUAL DO
AMAZONAS



1954

PADRE RAIMUNDO NONATO PINHEIRO
(da Academia Amazonense de Letras)

PANORAMA INTELECTUAL DO
AMAZONAS



1954

Obras do mesmo autor:

"DOM JOSÉ PEREIRA ALVES" (Editora **VOZES**, Petrópolis, 1954)

A publicar:

"Discursos e Conferências"

"Sermões e Penegíricos"

"Bronzes da Ave Maria"

"Orações Acadêmicas"

"Elevações Bíblicas"

"Páginas Literárias"

"Páginas de Imprensa"

*Conferência proferida em sessão solene da
Federação das Academias de Letras do Brasil, no
Rio de Janeiro, no dia 10 de Abril de 1954.*

Pela terceira vez transponho o limiar dêste augusto cenáculo cultural - a Federação das Academias de Letras do Brasil, que se me afigura o órgão vital, o coração que faz circular pelo organismo da Pátria o sangue da cultura nacional.

Do primeira vez, chequei para assistir à brilhante comemoração do Centenário da Província do Paraná, que a Federação levou a efeito, brindando-nos com uma régia sessão de gala, sob a alta presidência do Desembargador Florêncio de Abreu, presidência que agora se renova e que, só por só, outorga a êste sarau de letras um peculiar cunho de distinção e nobreza. A seleta assistência, naquela altura dos festejos centenários, ouvia a palavra culta e fidalga de Raul de Azevedo, focalizando "O Paraná intelectual do meu tempo", e fazendo desenrolar aos olhos embevecidos dos ouvintes a película multicolorida da literatura paranaense, assim na prosa como no verso. E vimos transitar, na palavra fluente do orador, o carro de triunfos dos escritores e votes do fidalga terra das araucárias.

Da segundo, outros sentimentos para aqui me acompanharam. Ao lado do confrade Mendonça de Souza, vínhamos ambos receber uma coroa de flôres para a Academia Amazonense de Letras. Éramos recebidos como membros daquele Silogeu longínquo, cujo distância não impede que aqui cheguem as fulgurações dos seus "imortais" como longe se fazem sentir as cintilações das estrêlas. E de novo reboa a palavra amiga de Raul de Azevedo, saudando os embaladores do Acrópole Literária do Amazonas.

Em breve trecho de tempo, pela terceira vez aqui me encontro, sempre com a mesma sensação de encantamento, pelo contacto com os académicos da Federação, cujas inteligências cheias de sóis vivem num permanente esbanjamento de luzes, através dos maravilhosos vitrais das belas letras.

Sinto, porém, que maior e mais alta responsabilidade me reveste neste momento, de vez que não venho como simples assistente de uma sessão solene, nem como instrumento para um intercâmbio de mensagens amistosas entre o Pritaneu Amazonense e a Federação das Academias, mas temerariamente assumo a espinhosa missão de embaixador da cultura amazonense, temeridade tanto maior quanto mais vasta se me antolha a amplitude do tema "Panorama intelectual do Amazonas".

Visão intelectual estaria melhor em vez de panorama, visto como represento êste uma visão do conjunto, ou seja, uma visão total. E sabeis dos riscos a que se arriscam os que tratam assuntos mediante considerações globais. Há o perigo evidente das omissões involuntárias que, nem pelo fato de o serem, deixam de vulnerar susceptibilidades. Entretanto, de entrada devo esclarecer que nos limites necessariamente reduzidos de uma conferência, não me é possível pôr em relêvo todos os vultos da intelectual idade atual do Amazonas, mesmo porque impende reconhecer em tôda a parte a existência de culturas esquivas, de talentos ocultos pela excessiva modéstia, cuja coruscação, à semelhança de certos astros, só se torna plausível através do telescópio de uma acuradíssima observação. De feição que permanece o mesmo perigo das omissões.

Como proceder diante da dificuldade que se levanta logo no peristilo de minha palestra? Farei o que faz a Igreja com relação aos Santos. Desejosa de prestar o culto de veneração aos heróis do Cristianismo, a Santa Igreja multiplica as festas litúrgicas dos seus

santos, durante o Ano Cristão. Mas antolha-se-lhe idêntica dificuldade: o perigo das omissões. Ela sabe que muitos Santos fulguram no Glória Eterna, cujos nomes não constam nos Anais Agiológicos. E a solução não tardou, bela é admirável. No dia 1.º de Novembro fixou a festa de todos os Santos. E na Liturgia dessa solenidade anual a Igreja tributo louvores coletivos à universalidade dos espíritos bem-aventurados que povoam a Mansão Celeste.

De início, pois, declaro que outras figuras existem no Amazonas intelectual que não constarão dêste ligeiro panorama, seja porque se afastaram das lides culturais, seja porque preferem o silêncio inviolável do seu recolhimento, quais lâmpadas solitárias diante do altar da sabedoria. E, porque assim o seja, já se vê que melhor quadra a nomenclatura de visão intelectual do Amazonas, pois a visão é suscetível de gradação, enquanto que o panorama é sempre uma visão total.

Seja como fôr, minha condição de académico permitirá uma certa visão menos parcial do cenário, sabido que o observador, quanto mais se eleva, tanto mais se lhe dilata o círculo visual. Do cimo de uma montanha alcançado, amplia-se a visão. E tôda Academia é sempre um alcantil, uma elevação que se impõe soberano, como o Partenon de Atenas, a aurifulgir majestoso sôbre a acrópole!

Falando sôbre a intelectual idade do Amazonas, é evidente que me deva circunscrever ao Amazonas do meu tempo, ao Amazonas contemporâneo, ao Amazonas dos meus trinta e dois anos de idade.

UM LUMINOSO PONTO DE REFERÊNCIA

Meus senhores: É comum aos que chegam a uma cidade desconhecida, escolher determinados pontos de referência - uma Igreja, uma praça, um edifício suntuoso, um monumento - que permitam e facilitem

um conhecimento paulatino do lugar. Para mim, nesta empolgante cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, um dos pontos de referência que logo se me insinuaram, foi o Hotel Avenida, não sei se pela própria situação, ou se pela viva côr de suas paredes vetustas.

Quando os meus olhos se abriram para a visão da cidade cultural do Amazonas, logo se me deparou um luminoso ponto de referência: Adriano Augusto de Araujo Jorge, o inesquecível Adriano Jorge, astro que desapareceu no poente do túmulo, mas deixou na sua passagem, à semelhança do Leviatã da Bíblia, um clarão inapagável: "post eum lucebit semita"...

Chegava jovem ao Amazonas, vindo de Alagoas, na plenitude exuberante de sua mocidade. Trazia consigo duas chamas crepitantes: a chãma da caridade e a chãma do talento. Médico dos mais conceituados, seu consultório era o pavilhão onde se abrigava a pobreza de Manaus, à procura do restabelecimento da saúde, ou pelo menos de um alívio para os padecimentos físicos. Desprendido como poucos, jamais se preocupara com a possibilidade de se tornar abastado. Contentava-se com a mediania de uma mesa frugal. E quando veio a falecer, fizeram os amigos caridosa coleta em favor da viúva, sem um centil para as despesas do dia seguinte...

Grande como o coração era o cérebro portentoso, enriquecido de sólidos conhecimentos tanto nas ciências como nas artes, primando no cultivo da oratória e das belas letras.

Pontificando na ciência de Galeno e Hipócrates, a Arte mantinha para êle uma irresistível atração, em qualquer de suas múltiplas manifestações. Penetrava, soberano, nos arcanos; da escultura, da pintura, da música, das belas artes, numa pelavia; não na condição de um profissional, mas no sentido de que captava, em tôda a sua plenitude, a intuição do artista, a men-

sagem luminosa e estética do pensamento criador. Entre os seus compositores, Beethoven era o primaz, o sumo pontífice de uma majestosa catedral de musicalidade. Extasiavam-no as sinfonias de Beethoven, e discorria sôbre elas com excepcional mestria.

Adriano Jorge primou, porém, e sobretudo, como orador e escritor. Na qualidade insigne de presidente da Academia Amazonense de Letras, ficaram famosas suas palavras de abertura e encerramento das sessões solenes. Em dado momento surgia o minuto psicológico para o auditório: Adriano ia falar. Iluminava-se-lhe a fisionomia, como por encanto. E a inteligência, grávida de iluminuras e refulgências, tinha sempre um parto luminoso...

Tratava-se, um dia, de uma homenagem, por motivo do seu natalício, na sede da Ação Católica. Fôra eu o orador incumbido da saudação. Ao responder, comovido, àquêle seducente preito de amizade do Clero e da Família católica de Manaus, lembro-me de que encerrara com êstes termos, que reproduzo na sua substância: "Meus amigos: Um dia em que viajara no bojo de um avião, fui surpreendido agradavelmente por uma visão que me maravilhou profundamente. É que a aeronave sobrevoava um lindo arco-íris... E eu sentia a comoção espiritual de ver-me tão elevado, a ponto de ter um arco-íris sob os meus pés..." E logo concluía, sempre feliz: "Meus amigos: eu sinto aquela comoção renovada. Nesta hora de elevação espiritual, percebo minha alma nas alturas, sobrevoando o arco-íris mimoso dos vossos corações..."

Noutra conjuntura, muito mais grave e muito mais solene, Adriano produziu, a meu vêr, a sua imagem mais fulgurante. Manaus era teatro de culminantes festas religiosas, com a realização do Primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, em 1942. Naquela altura de sua vida, o inclito homem de letras havia encontrado o seu caminho de Damasco. Sim: porque Adriano

era indiferente em matéria religiosa. Não sómente; mas chegara ao extremo de certa hostilidade, embora benigna, à Igreja de Cristo. Converteu-se, porém. Como Saulo de Tarso, recebeu também o seu jôro de claridade deslumbrante e calu do cavalo... E, saudando o então Núncio Apostólico, e hoje Cardeal Bento Aloisi Masella, em plena hora solar do Congresso Eucarístico, refere-se à árvore frondosa de sua ciência negativista e atéia, para concluir maravilhosamente com êste lance que, só por só, acusa a finíssima estirpe da sua heráldica mental:

"Um dia investi sem piedade contra a árvore frondosa da minha vaidade científica e literária. E podei-a, e desgálhei-a, e decepei-a, e mutiléi-a, até que ficou reduzida - e só então majestosa e imponente - a um tronco e dois braços..."

Numa tarde tristonha e chuvosa de Novembro, baixava ao túmulo o corpo daquele gigante, movimentando-se ingente mole humana em direção do cemitério de São João Batista. Sucodem-se os oradores à beira da campa. Falei em nome do Clero, com licença especial da Autoridade Eclesiástica. E ao assistir à grandeza singular daquele enterramento, só me vinha à mente aquele pensamento de Ruy aplicado já a vários homens notáveis do Brasil, que se vai tornando um como lugar comum, mas nem por isso perde do sua beleza e da sua profundidade: Morto, parece maior do que vivo!...

Foi o meu luminoso ponto de referência. Pouco depois, estava eu eleito membro do Academia Amazonense de Letras, mas já em plena e terceira presidência, a do pre-excelso escritor Péricles Moraes, de quem agora me passo a ocupar, e que sabels tratar-se da figura primacial, do primus inter pares do hodierno panorama intelectual do Amazonas.

A GLORIOSA MISSÃO DE UM HOMEM DE LETRAS

Tenho para mim, senhores acadêmicos e meus senhores, que ao artista Péricles Moraes foi destinada a missão de confiar às novas gerações de minha terra o facho luminoso, a lâmpada votiva do culto perene às belas letras, que êle trouxe de um passado brilhante, e transmite aos novos do presente, para abrir clareiras no porvir.

Seus pendores literários cedo repontaram. Viam todos na pena do jovem frequentador da imprensa amazonense uma fidalguia inata, um cunho de particular nobreza verbal. Eram os primeiros clarões aurorais que alcançariam o pleno zênite nas edições de suas grandes obras, verdadeiras pinacotecas literárias pelo luxo oriental do colorido e pelo recorte escultural do expressão.

Sua formosa bibliografia vale por uma heráldica principesca: Legendas & Aguas-Fortes, Figuras & Sensações, Coelho Netto e sua obra, Confidências Literárias, A Vida Luminosa de Araujo Filho, Retrato de Augusto Linhares, Leopoldo Péres, O Exemplo de Leopoldo Neves e outros labores literários que primam pela pureza vernacular e, sobretudo, pela fulgor decorativo da expressão.

Em Figuras & Sensações admiramos o enamorado da literatura francesa, e na palheta do seu pensamento, à semelhança de côrte fúlgida, surgem figuras da aristocracia literária de França, cujo obra o autor projeta em tôda extensão e intensidade. Seu contacto diuturno com os grandes robles do bosque intelectual da pátria de Anatole France e Lamartine acostumaram-no ao nobilíssimo cultivo do belo. Aliás, neste capítulo referente aos seus abalizados conhecimentos de literatura gaulesa, impende ressaltar seus conhecimentos, não menos abalizados, do formoso e claro idioma de Gustavo Flaubert e Chateaubriand,

sôbre cujo particular eu próprio me etemei pela imprensa amazonense, em artigo dado à estampa no "Jornal do Comércio" de Manaus sob a epigrafe "Un Amoureux de la Larigue Française - Mr. Périclès Moraes", deplimento exarado em francês, como respeitosa homenagem ao emérito professor dêsse esplêndido idioma.

"Coelho Netto e sua Obra" abre um capítulo novo e luminoso na vida literária de Péricles Moraes: sua grande amizade - misto de simpatia e veneração ao imortal artista do "Inverno em Flor".

Embora distantes, sem se conhecerem pessoalmente, irmanara-os a afinidade espiritual, o mesmo culto apaixonado ao pensamento coruscante e à palavra fidalgo, invariavelmente colorida e filigranada. Porque - senhores acadêmicos e meus senhores temos que ressaltar, de logo, êsse carater superior da expressão literária de Péricles Moraes. Visceralmente avesso, como o preeminente escritor maranhense, à linguagem chã, aos termos vulgares e rasteiros, Péricles Moraes se revela, como êle próprio o disse de Coelho Netto, um autêntico psicólogo do vocábulo convencido de que, como entre os homens, tombém entre as palavras encontramos príncipes e plebeus, aristocracias e vulgaridades. E neste particular, que madêto para os novos, o estilo multicolorido do nobre presidente da Academia Amazonense de Letras! Suas páginas são páginas de antologia, páginas de ouro e pedraria. Conheço-lhe muitos tão refulgentes que reclamam lentes esfumadas, como foi dito das páginas fulgurantes de Saint-Victor.

A amizade entre Coelho Netto e Péricles Moraes; cresceu e agigantou-se, ou melhor: floriu e frutificou. O príncipe quis logo projetar o artista fóra das lindes da pátria. E providencia a edição de "Figuras & Sensações" na Livraria Chardron, do Porto, para que o público lusitano apreciase os pompas de um grande es-

tilo, em nada inferior ao estilo florido de Antero de Figueiredo, ou ao eloquente estilo de sêda de Latino Coelho. Dessarte, Péricles simultaneamente se projetava nos dois países de língua portuguesa. Estava feito, na pleniposse da glória literária; e, como o proclamara seu amigo e confidente Leopoldo Péres, atingiu inopinadamente o cume da celebridade, no panorama das letras pátrias.

Correm os tempos. Um dia (que dia bendito e venturoso!), Péricles teve uma idéia fulgurante: escrever um livro sôbre o esteta de tanta filigranas, autor de tão numerosas obras, cuja fertilidade só se media com a de Camilo, em Portugal. Surge, então, o "Coelho Netto e sua Obra, nascido lindamente de sua inteligência fecunda, como Venus nascera da espuma do mar, ou como Palas - Atenas, que surgira imponente de cabeça de Júpiter, soltando um grito de vitória! ...

Coelho Netto toma conhecimento, primeiro, das intenções do amigo predileto. Procura dissuadi-lo do intento, e escreve-lhe de coração aberto: "Não publique a obra, irá assanhar a matilha que me ladra aos calcanhares..." Mas o amigo não se dá por vencido. Sai a fume o livro, e o artista maranhense comove-se até às lágrimas. Que o digo esta confiança numa de suas frequentes cortas: "Em tal piro, de crômatas como os cedros do Líbano, a morte me será deliciosa..."

Referi que o senhor Péricles Moraes, é a figura primordial, o **primus inter pares** do hodierno panorama intelectual do Amazonas. Não vai exagero na assertiva. Presidente da Academia Amazonense de Letras, a só escôlha para tão elevadas funções já é indicativa da preferência dos homens de letras de Manaus, e a manifestação positiva de um plebiscito intelectual, vale dizer, a documentação de que os acadêmicos nele divisaram o cimo mais alto da cordilheira mental e literária do Amazonas. E na presidência do Silogeu amazonense nós o temos mantido em consecutivas eleições,

apesar das relutâncias, que não raro interpõe, mercê de sua excessiva modéstia.

Um dos aspectos mais impressionantes da obra de Péricles de Moraes e a sua permanente floração primaveril. Hoje, aos setenta anos, escreve com a mesma vibração dos seus trinta anos. Prova-o cabalmente o último livro de sua autoria - "Leopoldo Péres": a mesma plasticidade, o mesmo colorido, o mesmo movimento e o mesmo encanto de sempre, a demonstrar que naquele cérebro os idéias continuam em ebulção e no seu espírito não se apagam as auroras.

Outro traço que releva ressaltar, no temperamento do artista é o carinho que emprega no cultivo de suas amizades. Bem-aventurados os que têm, ou tiveram, ou terão o sortilégio de sua preciosa amizade! Condição que sobe de ponto nesta época estarrecedora em que proliferam os escorpiões humanos, que fazem da amizade uma quimera; do sorriso, uma cilada e do próprio coração, uma espada de dois gumes... Espíritos bifrontes, que conhecem toda a gama das deslealdades, e recitam toda a litania das virtudes maquiavélicas, desde a falsidade à calúnia...

"Péricles Moraes, vingando-se da morte que ceifou os prediletos do seu coração, ressuscita-os como por encanto, e os eterniza nas suas páginas lapidárias, mais perenes que o bronze. Jesus, partindo para o selo do Pai, continuou entre os homens vivo e sacramentado sob as espécies eucarísticas. Se não fosse irreverência inadmissível, eu quase diria que o autor de Figuras & Sensações, zombando da morte, dos amigos, conserva-os vivos sacramentalmente, quero dizer, misteriosamente nas páginas consecratórias de seus livros.

A Vida Luminosa de Araujo Filho, Leopoldo Péres e O Exemplo de Leopoldo Neves são a documentação irrefragável de meu asserto. Três vidas que não se extinguíram de todo, cabendo nos lábios dos três ilustres mortos a veneranda sentença de Horácio: "Non-

omnis, moriar"! Não morrerei inteliramente! Coelho Netto e Augusto Linhares, mais felizes, tiveram essa consagração em vida.

Seu último trabalho foi uma "plaquette" sobre Leopoldo Neves, que ele intitulou "O Exemplo de Leopoldo Neves" com o sub-título "Visão introspectiva de uma vida e de um caráter". Assim termina ele a homenagem do seu coração, que foi a mesma da Academia Amazonense de Letras:

"E eu tive a impressão, nesse minuto alucinante, que dos seus lábios lividos aflorava um sorriso escarminho, ironizando aquela oratória bombástica e inexpressiva, que jorrava em catadupas sobre um corpo inanimado, e cujos surtos flamejantes, estimulados pela irreverência de palmas sacrílegas, estavam longe de interpretar a lenda heróica de suas angústias e do seu martírio".

Devo declarar, entretanto, pedindo vênias ao Mestre, que tive a honra de substituí-lo como orador no funeral de Leopoldo Neves, falando em nome do Academia Amazonense de Letras. Diz-me a consciência sem temores que não me devo considerar incurso naquela "oratória bombástica e inexpressiva", visto como minhas palavras assumiram a tonalidade sacro de uma verdadeira oração fúnebre, ao molde das que se proferem nos púlpitos, tendo-me, aliás, inspirado num passo de Bossuet, extraído de uma de suas mais belas orações fúnebres - "Oh! que nous ne sommes rien". E por solicitação do órgão associado de Manaus, reconstitui o discurso, dado à estampa pelo mesmo matutino.

Senhores acadêmicos e meus senhores: Não é a primeira vez que me ocupo de Péricles Moraes. Na imprensa do Amazonas, pelo menos, três artigos dei à publicidade: Um Gigante das Letras, Péricles Moraes - cinzelador de glórias e "Esmaltes e Camaféus" em que o apresentei como lídimo émulo do autor de "Émaux et Colmées" no culto sacerdotal à beleza e esplendor da

forma. Em sua própria residência por duas vezes, tive a honra e o prazer de saudá-lo em nome dos meus dignos pares da Academia de Letras do Amazonas. Hoje, versando sobre o panorama intelectual do meu Estado, de novo me ocupo do Mestre, nesta fidalga Federação das Academias de Letras do Brasil, que considero, como fiz sentir no exórdio, o coração que faz circular pelo organismo da Pátria o sangue da cultura nacional. Se Deus vida me der, e oportunidade, espero enfiar esses artigos e discursos numa "plaque" à maneira do inesquecível Leopoldo Pêres, cujas mãos de ourives confeccionaram aquela filigrana: "Péricles Moraes animador de sensações".

UM PRINCIPE DO VERNÁCULO

Ao lado de Péricles Moraes, comungando das mesmas glórias, participando das mesmas homenagens, apresento a figura inconfundível de João Leda, conhecido e consagrado vernaculista, cujos ensinamentos filológicos são cânones onde quer que se fale a língua de Carnões e de Ruy Barbosa.

As obras de João Leda são dessas obras perenes que jamais se lançam ao ouvido, porque escritos com o coração e com o cérebro. Desde jovem, efetivamente, dedica excepcional amor à língua portuguesa, cujos mais ocultos arcanos são para ele simples trivialidades.

Considero que não podem faltar na biblioteca dos estudiosos do nosso idioma, ao lado das obras de tantos mestres da língua, os livros substanciosos de João Leda: Nossa Língua e seus Soberanos, Os Áureos Filões de Camilo, A Quimera da Língua Brasileira, Vocabulário de Ruy Barbosa. Pena é que o autor não tenha enfiado seus numerosos artigos sobre língua portuguesa num grande volume (e eles dariam vários!), para termos, assim, algo como a Réplica, de Ruy Barbosa; os

Serões Gramaticais, de Carneiro Ribeiro, ou as Postilas, de Sotero dos Reis.

Seus artigos em Manaus são lidos atenciosamente e conservados nos arquivos dos amantes da boa e pura linguagem portuguesa. Os leitores sabem de antemão que um tesouro se lhes entreabre, e que o autor valoriza o fundo e a forma, servindo vinho capitoso em taças de filigrana.

Ao lado do purista, honremos o temível polemista, conhecido e respeitado assim na imprensa amazonense como na imprensa nacional. Suas finas ironias doem como alfinetadas, e é sempre quem fala por último nas contendas em que se bate. Maranhense de nascimento, João Leda fez-se amazonense de coração, e faz de sua mesa de trabalho uma cátedra perene, de onde brotam lições esplêndidas de sabedoria, tendo sempre a eterna preocupação de defender a língua portuguesa, a cujo serviço dedica supremos carinhos.

FULGORES E BRASÕES DE UMA ACADEMIA

Senhores acadêmicos e meus senhores: é chegado o momento de entrar a falar sobre o Silogeu Amazonense, de que Péricles Moraes e João Leda são as maiores e mais fulgurantes glórias. E em razão desse particular, tratei dos eminentes Mestres à parte, colocando-os à entrada daquele templo de Apolo, como as duas peças de uma porta de bronze, porque dentro só brilha a chãma votiva do culto à língua portuguesa, e nós outros, acadêmicos, nos sentimos felizes em sermos as pedras componentes daquela Acrópole.

A Academia - é ocioso dizê-lo - tem representado papel preponderante no panorama intelectual do Amazonas. Fundada há mais de três décadas, é a grande força impulsionadora do movimento literário daquela capital. Para não referir-me às glórias do passado, pois me propôs tratar do panorama intelectual

do Amazonas de nossos dias, é com satisfação que presto minhas homenagens e meu preito de admiração aos insignes confrades que comunicam tanto brilho e tanto prestígio à Casa de Adriano Jorge. Dilatam-se-me as pupilas, e estou a vêr, nas cerúleas poltronas, os cardais da intelectualidade amazonense: Álvaro Maia, atual governador do Estado do Amazonas, escritor e poeta, cinzelador de páginas memoráveis, assim na prosa como no verso, como a famosa Conção de Fé e Esperança ou A Bem-aventurança Esquecida. Além de artista da palavra escrita, o ocupante do cadeira de Maranhão Sobrinho é príncipe da palavra falada, primando pela beleza de imagens fascinantes. Embora arredado, pelas atividades políticas, como outros acadêmicos, nas campanhas eleitorais e nas solenidades a que preside, como Chefe do Governo, põe sempre a descoberta a linhagem do seu pensamento e da sua formação literária. Artur Virgílio, figura austera de magistrado, paladino do Direito e do Justiça, tornou-se um pregoeiro das virtudes da mulher brasileira, enaltecendo as nobrezas da mulher filha, esposa e mãe! Sua palavra é muito apreciada, tanto nos arraiais forenses, de que já se, afastou pela aposentadoria, como na tribuna da Academia, ou nas colunas da imprensa amazonense. Leôncio de Salignac e Sousa, eis outra figura de jurista, que é uma das mais lídimas glórias do nosso Silogeu. Realiza êle o portento de deter em suas mãos; posse de duas qualidades que nem sempre se reúnem: a eloquência e o beletrismo. É um encantamento ouvi-lo nos seus triunfantes arroubos oratórios, em que os clarões se desatam copiosos e deslumbrantes como os raios fulminantes das tempestades. Seus escritos são mosaicos, azulejos ou vitrais multicoloridos, encandeando, por vêzes o leitor desprevenido. Sadoe Pereira, igualmente jurista, ocupa no Silogeu a cadeira de Joaquim Nabuco. Seus trabalhos trazem sempre o cunho da austeridade, mercê da preocupação cultural com que os versa. Mitrídates Correia enaltece a poltro-

na de Sousa Bandeira e sucedeu a Dorval Porto. Professor de Direito e homem público, o ilustre acadêmico possui na sua bagagem literária primorosos versos, como Sumauma, cultivando, ainda, com muito devotamento a Arte em qualquer de suas manifestações, especialmente a pintura e a música. Mário Ipiranga Montelero é o devotado estudioso do História do Amazonas, e da História em geral, tendo publicado excelentes trabalhos, alguns de grande fôlego como "Quarta Orbis Pars", formando agora na falange dos que se ocuparam da imorredoura figura de Colombo. Ressalta-se, ainda, o carinho de Ipiranga para o Folclore nacional, tendo a respeito proferido notável conferência na Academia Amazonense de Letras, sob o sugestivo nome de Cantigas de Roda, conferência ilustrada com interessantes números de ciranda, no próprio recinto do Silogeu. Moacyr Rosas é dos mais novos. Odontologista conceituado, já se projetou além do Amazonas, e mesmo além da Pátria, em congressos odontológicos de repercussão continental. Entre suas obras, cito **Cidades, Homens e Livros**, saborosas crônicas de viagens e observações. Tendo Rosas no sobrenome, revelou-se um enamorado dêsses mimos da natureza, enchendo de rosas o salão do Academia e o seu discurso de recepção, o que levou Valois Coelho, seu paraninfo, a observar que **rosas** era a senha para o bivaque daquela magna sessão de posse. Moacyr Rosas colabora assiduamente na imprensa de Manaus, ocultando-se não raro sob o pseudônimo de Pablo Cid. Djalma Batista constitui um dos talentos mais positivos do Silogeu Amazonense. Médico, é um apaixonado da arte e ciência de Hipócrates, entregando-se com admirável zelo à camponha contra a peste branca, quer no Dispensário Cardoso Fontes, quer noutros setores onde se reclama sua invejável e reconhecida competência. Agora mesmo tive notícia de que espontaneamente se prontificou a fazer o levantamento abregráfico das seminaristas do Amazonas. Seus discursos e trabalhos literários são ouvi-

dos e lidos com particular atenção, graças o movimento que sabe comunicar às idéias, procurando sempre descer ao cerne do assunto. Tive a honra de ser recebido na Acrópole do Amazonas por êsse talentoso intelectual que honraria qualquer instituição cultural do país. Valois Coelho distingue-se como escritor e poeta. Sua prosa elegante reveste sempre as galas de uma linguagem limpa e castiça. Foi-me dado o prazer de lêr os originaes do seu livro em versos DESENGONÇOS, de fina inspiração e forma impecável. Castro Monte impressiona pelo carinho e amor que dedica às coisas de nossa terra e de nossa gente. Como Artur Virgílio se fez apologista de Tobias Barreto - a quem chamou "o maior sergipano do Brasil e o maior brasileiro de Sergipe", assim Castro Monte se tornou ardoroso admirador de Capistrano de Abreu, um dos príncipes da História Pátria. O insigne acadêmico também se revela primoroso folclorista. Mavignier de Castro tem páginas impressivas e expressivas como as de Euclides, facto aliás ressaltado pela autoridade incontestada do presidente Péricles Moraes. Mendonça de Sousa, aqui presente, no lodo de Mário Ipiranga Monteiro no culto à história do Amazonas, escreveu uma obra que pesou na balança da vida intelectual e literária da Planície Verde - O Grande Amazonas. E de quando em vez surge nas colunas da imprensa de Manaus, mórmente com apreciações de obras literárias. Genesisino Braga é um dos mais cintilantes artistas da palavra escrita. Suas frases lembram cristais e missangas, tendo êle a repulsa visceral à vulgaridade de linguagem, assemelhando-se seus escritos a bizarros caleidoscópios. Nunes Pereira divulgou seu nome por todo o Brasil, e até no Estrangeiro, como profundo conhecedor da etnologia amazônica. Seus estudos de polpa o elevam ao galarrim da veneração dos que se ocupam das ciências relativas às tribos, às terras, à potamografia, à flora e à fauna do Hiléia Amazônica. Washington Melo, modesto e simples, é autor de páginas bem lavradas, e

distingue-se como apreciado crítico literário e fino comentarista dos factos e episódios de nossa História. No Senado Federal vamos encontrar dois eméritos; acadêmicos: Waldemar Pedrosa e Manoel Anísio Jobim. O primeiro possui esplêndida cultura humanística e literária, jurista afamado que pontificou na advocacia local. Trata-se de um dos mais profundos conhecedores de língua e literatura francesa em o nosso país, escrevendo no idioma de Victor Hugo com o mesmo brilho e aticismo com que escreve em língua portuguesa. Anísio Jobim publicou apreciadas obras, como Aspectos Socio-geográficos do Amazonas. Historiador proecto daquele Estado, deu à estampa interessantes estudos sôbre os municípios amazonenses. Seus trabalhos e suas preleções se impõem pela seriedade e erudição com que os reveste. Na Câmara Federal, antolha-se nos André Araujo, acadêmico que se tornou conhecido em todo o país como abalizado Juiz de Menores. Eternamente preocupado com os angustiantes problemas do proletariado, possui vastíssima contribuição à Questão Social, no desejo insopitável de minorar os sofrimentos dos pários e dos desajustados, sempre nas normas traçadas pela Igreja através das célebres Encíclicas "Rerum Novarum" e "Quadragesimo Anno". Seu genitor era um dos sóis que esplenderam no panorama intelectual do Amazonas do passado - Araujo Filho, immortalizado por Péricles Moraes numa de suas formosas produções.

Outras figuras da Academia aqui deveriam ser tratadas, se não me propuzesse o objetivo de me não ocupar dos que se ausentaram definitivamente do Amazonas, e, como tal, caberão num estudo sôbre o panorama intelectual do passado, o que está fóra de minhas considerações.

UMA FULGENTE MITRA NA ACADEMIA

O Silogeu empossou, no ano pretérito, na primacial cadeira de Adriano Jorge, patrocinada por Euclides da Cunha, o jovem e talentoso, Arcebispo de Manaus, Sua Excelência Reverendíssimo o Senhor Dom Alberto Gaudêncio Ramos. Espírito cintilante, distingue-se o Antístite de Manaus pela soberba cultura e pelo seu devotamento à Igreja de Cristo. Suas Pastorais são selvas de ensinamento, no âmbito da mais pura ortodoxia, e modelares pela correção de linguagem e elegância de estilo. Os acadêmicos apressaram-se em elegê-lo membro do Silogeu, reconhecendo altas credenciais de cultura nos seus discursos, conferências, sermões e escritos. A História Eclesiástica do Amazonas tem despertado as atenções do Sr. Dom Alberto Gaudêncio Ramos cuja pena já escreveu um apreciado volume sobre as efemérides eclesásticas da Arquidiocese. Sua recepção acadêmica representou um triunfo, tendo sido acolhido "sous la coupole" pelo exmo. sr. Governador do Estado, acadêmico Álvaro Botelho Maia. Sua excla. revista, acaba de abrir o Seminário Maior da Arquidiocese de Manaus, sendo uma de suas preocupações mais constantes a fundação de uma Faculdade de Filosofia. Tratando do panorama intelectual do Amazonas, quero ressaltar, na pessoa sob tantos títulos gloriosa do Arcebispo de Manaus, a notável contribuição da Igreja no desenvolvimento da vida cultural da terra de Paulino de Brito e Heliodoro Baibl.

BRILHANTE COOPERAÇÃO DA IMPRENSA

Ninguém ignora o papel preponderante que representa a imprensa, como veículo de cultura. E a imprensa do Amazonas sempre primou por esse factor de elevação do nível cultural de nosso povo. Devo pôr em erguido relêvo os esforços conjugados pela totalidade da imprensa amazônica.

Releva, em primeiro lugar, evocar a figura paradigmática do jornalista Aristófano Antony, membro dos mais proeminentes da Academia Amazonense de Letras, de quem muito de propósito me quis ocupar neste outro lançaço de minha despreziosa conferência.

O jornalista e acadêmico Aristófano Antony é o presidente da Associação Amazonense de Imprensa, a que tenho a honra de pertencer. Em 1937 fundou o vespertino A TARDE, brilhante e destemida fôlha que se propôs ser o "arauto das aspirações populares". Cotidianamente publica o ilustre diretor seus esplêndidos comentários, refletindo no jornal o que pensa ou sabe sobre os homens, os acontecimentos, as produções literárias, enfim, sobre tudo quanto se relaciona com a vida do Estado ou com a própria vida nacional. Vasadas em forma literária impecável, as crônicas do presidente da Associação Amazonense de Imprensa foram títulos de glória com que alcançou, com elevação e garbo, a palma do imortalidade acadêmica.

A benemérita Empresa Archer Pinto Ltda., proprietária de "O Jorna!" e "Diário do Tarde" mantém-se numa conduta retilínea, tendo sempre em vista a formação do povo. Nas colunas dos dois conceituados órgãos brilharam as penas mais aristocráticas do passado, como Adriano Jorge, Leopoldo Péres e Huascar de Figueiredo. Mais recentemente, os Irmãos Archer Pinto, figuras de prol do periodismo amazônico, puseram à disposição da Academia duas colunas dominicais, brindando os leitores com os lavares literários dos príncipes da intelectualidade amazônica.

O "Jornal do Comércio" decano da imprensa baré e órgão da cadeia associada, tem grande fôlha de serviços prestados à mesma causa, e sempre aceitou com o maior desvanecimento a colaboração do Silogeu. Epaminondas Baraúna, e os demais membros do corpo redacional, fimbam em cooperar para a crescente for-

mação cultural de nossa gente, sendo muito apreciada a página literária das edições de domingo.

Avelino Pereira, jornalista vibrante e austero, é o diretor de "A Gazeta", vespertino que se impõe cada vez mais no conceito dos amazonenses. Secretariado pelo talentoso jornalista Herculano Castro e Costa, o vespertino da Rua Saldanha Marinho muito tem contribuído para o progresso intelectual do Amazonas.

"A Crítica" vibrante matutino dirigido pelo jovem jornalista Humberto Calderaro, procura pôr em execução a legenda sugestiva que se propôs: "De mãos dadas com o povo". O talentoso e culto professor Carlos Alberto Barroso manteve, durante certo tempo, uma página literária no órgão em apreço, com preciosas colaborações dos vultos mais insinuantes das letras amazônicas.

O jornal mais novo de Manaus é o "Universal", órgão superiormente dirigido pelo bacharel Dr. João Vicente Torres, moço dos mais idealistas de sua geração. Paladino dos sãos princípios do Cristianismo embora não seja órgão oficial da Arquidiocese, contudo se propõe colaborar com a Igreja na formação moral, cívica e cultural do povo baré. Entre os seus mais frequentes colaboradores contam-se os Revrmos. Padres José Pereira Neto, provector diretor do Colégio Dom Bosco, possuidor de soberba cultura e grande coração, e Walter Gonçalves Nogueira, Chanceler do Arcebispado, sacerdote ilustrado e nobre, que honra o clero secular do Amazonas. O próprio eminente Arcebispo ilustra e engalana as colunas do "Universal" com sóbrios e bem elaborados artigos, ressaltando-se, entre outras qualidades, a clareza e segurança com que versa os assuntos. Entre os leigos, colaboram com assiduidade o acadêmico André Araujo, os brilhantes jornalistas João Vicente Torres e Francisco de Oliveira Regis, e a talentosa jovem Yole Diniz.

UM PREITO DE ELEMENTAR JUSTIÇA

Senhores acadêmicos e meus senhores: E um facto incontestado que as Academias não reúnem necessariamente todos os valores culturais de um povo. O simples número limitado de poltronas explica, em parte, a situação de grandes organizações mentais brilhando fóra dêsse institutos de cultura. Seja-me permitido, pois, no âmbito dêsse quadro, prestar um tributo, de elemental justiça aos intelectuais de minha terra que não foram dignificados com a glorificação acadêmica, mas nem por isso deixam de rutilar no panorama cultural do Amazonas. Não abri um parágrafo especial sôbre o Instituto Geográfico e Histórico, pelo facto de muitos dos seus sócios serem membros da Academia Amazonense de Letras. Esse glorioso Instituto, porém, presidido pelo acadêmico Castro Monte, representa, indiscutivelmente, uma das grandes alavancas e uma das grandes reservas culturais daquela unidade federativa. Na pessoa do egrégio professor Manuel Bastos Lira, que eu considero uma das mais ciclópicas culturas do Estado, enalteço essa insigne instituição de que tenho a honra de ser Orador Oficial.

Quero referir-me, porém, aos intelectuais que não figuram nos sodalícios de cultura, mas pontificam nas cátedras, nas tribunas parlamentares e forenses, no jornalismo e em tantos outros setores da vida cultural daquele grande Estado. E neste particular é que surge o grande perigo das omissões involuntárias, valendo-me então, da magnífica solução da Igreja quando instituiu com muita sapiência e percuciente visão a festa de todos os Santos. Consigno, pois, nesta altura de minha fala acadêmica, a minha homenagem e a minha admiração a todos os vultos luminosos que compõem as constelações intelectuais de minha terra natal.

AGRADECIMENTOS

Cabe-me agradecer, com o coração nos lábios, à Federação das Academias de Letras do Brasil, a íntima satisfação que me proporcionou, convidando-me a realizar esta ligeira conferência sobre o panorama intelectual do Amazonas. Já me extemei, mais de uma vez, sobre o mérito desta notável instituição de cultura. A Academia Brasileira de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico e a Federação das Academias de Letras do Brasil são, incontestavelmente, o triângulo de ouro, a tríade luminosa da cultura nacional.

Na pessoa tão fidalga e tão insinuante do inclito Desembargador Florêncio de Abreu, presidente preexcelso deste sodalício, escritor de alta estirpe, orador de inesgotáveis recursos, espírito constelado de ourfulgências, renovo toda a minha veneração e o meu louvor aos cimos intelectuais que aqui fulguram. Atribui-se a Plauto aquela frase latina: "nomen atque omen". Nome que é um vaticínio. O Desembargador Florêncio de Abreu parece ter trazido da pia batismal um nome que é um vaticínio - Florêncio, a indicar a floração primaveril do seu espírito de escol, da sua pena privilegiada e dos seus lábios consagradores, marcados pelos triunfos da oratória!

Por último, "last not least", meu comovido agradecimento ao acadêmico Raul de Azevedo, que, ao lado do brilhante poeta Petrarca Maranhão, honra nesta Casa o nome e as glórias da Academia Amazonense de Letras.

Contemplando a figura inconfundível de Raul de Azevedo, um íntimo e irreprimível sentimento de admiração e respeito se nos reporta. Espírito cheio de cintilações, parece verificar-se nele o vaticínio do Profeta: "renovabitur sicut aquilae juvenus tua". A tua juventude se renovará como a da águia. O sol da sua inteligência não conhece ocaso. Sua atividade literá-

ria, cultural, social é um permanente milagre que nos encanta, prodígio raro, só encontradiço entre os bem fadados pela natureza. Autor de vinte e oito livros, Raul de Azevedo anuncia mais dois, que já foram confiados ao prelo, preparando-se para nos brindar com as suas memórias, escritos com a alma e o coração, em cujo frontispício cinzelou o sugestivo título "Minha História sem Fim".

Três vezes aqui vim e três vezes ouvi, sempre enlevado, a palavra doura de Raul de Azevedo. Pela segunda vez me confunde ele com a bondade excessiva do seu coração, saudando-me em nome da Federação. Recebo as flôres com carinho, não para enramar minha fronte, mas para depositar no altar simbólico do meu querido Amazonas, a quem devem pertencer os triunfos dos filhos. Nesta hora solar eu tenho o meu pensamento voltado para lá. Com o grande e novo aeroporto internacional de Manaus, e a organização definitiva da Valorização da Amazônia, eu sinto que se abre uma fase de esplendor para as lendárias terras do Rio-Mar.

Exmo. Sr. Presidente, senhores acadêmicos e meus senhores: com duas palavras Deus criou a maravilha da luz e iluminou o mundo: "Fiat lux!" Com duas palavras, também, externarei o meu reconhecimento à Federação, ao orador que me saudou e ao distinto auditório que tanto lizimento emprestou à esta festa de arte e cultura: muito obrigado!

Recebei a gratidão comovida de quem se ufana de ser sacerdote, de ser brasileiro, e de ter nascido naquela futura terra onde a visão genial de Humboldt enxergou o Celeiro do Mundo, e todos nós, felizes, enxergamos a Conaã da Pátria!